

ASPECTOS DA AGRICULTURA PARANAENSE O PAPEL DA SOJA

SHIGEO SHIKI *

Na verdade, faz tempo que eu não tenho tratado desse assunto. Depois que a gente acaba a tese, normalmente a gente abandona, especialmente porque logo depois que eu voltei da defesa da tese entrei numa atividade bastante administrativa, e tive pouco tempo. Só recentemente voltei para a pesquisa novamente. Então, na verdade foi até meio difícil reconstituir algumas coisas que eu tinha na cabeça para a exposição de hoje, porque são coisas que a gente vai... Quer dizer a tese foi bastante exaustiva, até do ponto de vista de entender a soja.

A minha preocupação inicial, quando comecei o trabalho, acho que foi um pouco daquilo que todas as pessoas que passaram um determinado período aqui no norte do Paraná, devem ter passado, ou pelo menos, uma curiosidade de tentar compreender os fenômenos que estavam ocorrendo aqui no norte do Paraná, isto é, no Estado do Paraná, num período histórico até relativamente importante que foi essa década de 70.

E foi a época exatamente que eu cheguei aqui no norte do Paraná em 1973; apesar da minha família ser daqui do norte do Paraná, eu estive muito tempo fora, mais por questões profissionais também.

Mas então, esse foi um tema que me chamou a atenção e uma das coisas por onde tentei começar... o peso que ela tinha, cuja expansão pelo menos na década de 70 foi uma rapidez incrível. Em cinco anos (1970-1975), só da área de produção; isso, segundo o IBGE, mas é isso mesmo o que acontece, só de 1970-1974 veja um aumento de 360 mil hectares para um milhão de hectares por ex. Quer dizer, são vo-

* Técnico do Instituto Agrônômico do Paraná - IAPAR.

lumes...um ritmo de expansão relativamente impressionante para quem por ex., conhece, digamos, a agricultura de qualquer lugar. Se bem que esse ritmo normalmente a gente consegue ver, por exemplo, aqui no Paraná, quando ocorreu também o café. Mas era alguma coisa que estava surgindo no bojo de um movimento econômico, que precisaria entender também para entender a soja.

Então, na verdade, eu partí do esquema seguinte, de que, era importante a compreensão do que estava ocorrendo na própria economia naqueles períodos em que a soja teve essa expansão. Então, a primeira relação e até causal que se pensou, é de que a própria expansão da soja fazia parte de um movimento econômico, que explicava inclusive o ritmo de crescimento acelerado da própria economia, nesse período em que o Brasil viveu de crescimento acelerado, de taxas de crescimento que chegam, na década de 60, a 11 % ao ano por ex., no período em que se apelidou de "milagre econômico". Tinha muito a ver com a expansão da soja. E na verdade, a soja foi a cultura que se adaptou totalmente às necessidades de expansão do capital na agricultura naquele momento; isso, com referência à própria expansão da economia.

Então, nesse momento, o que é que a gente pode associar, nessa década de 70 ? Por ex., aqueles movimentos de expansão do capital, a gente pode analisar da seguinte maneira. Houve um processo no conjunto da economia, principalmente no setor mais dinâmico da economia de oligopolização, de concentração mesmo da massa de capital nesse setor. Ao mesmo tempo que esse movimento estava se internacionalizando, quer dizer, estava com uma abertura externa muito grande, era a fase em que os capitais externos investiram maciçamente aqui no país. E aí, com a necessidade inclusive de se privilegiar um tipo de acumulação de capital, o setor industrial é que se beneficiou.

Estou dizendo um pouco isso, e parece até estranho, porque estou falando da soja e da agricultura, mas na verdade, é por aí que a gente pretendeu compreender um pouco do que estava acontecendo com a soja no Paraná. Na verdade, em 1º lugar, acho que a soja, dentro desse modelo de acumulação que, para desenvolver o setor industrial, influuiu na própria urbanização, que de fato ocorreu. Atendeu

primeiro a necessidade até da expansão do próprio mercado de produtos industriais. A agricultura nunca foi de fato, um forte setor nessa área de demanda de produtos industriais.

O 2º ponto é que, por exemplo, a conjuntura econômica internacional e a própria necessidade do capital internacional, de reproduzir, inclusive nos países periféricos, já se sentia a necessidade também que o Brasil poderia ampliar esse campo, digamos assim, da valorização do capital também em países como o Brasil. Então, nesse momento, acho que a soja foi bastante privilegiada, no sentido de que o Brasil até pegou o bonde andando nessa tentativa de mundializar um determinado padrão de consumo que estava prevalecendo na Europa, naquela fase de crescimento.

Depois da 2ª Guerra, e da chamada crise que no fim foi ajudada pelo plano Marshall, determinou um nível de estabilidade econômica. Algumas coisas do ponto de vista do padrão de consumo foram se alterando no sentido de que formas de consumo e de produção, foram se alterando no sentido que o consumo de alimentos protéicos foi crescendo de uma forma bastante grande na própria Europa. Foi o período em que os Estados Unidos estavam com uma capacidade de produção enorme, exatamente tentando introduzir o sistema, por exemplo, do chamado complexo americano de soja, mais a formulação junto com o milho, fazendo com que essa dupla combinação se fizesse como alimento para a produção animal da Europa principalmente. Então, na verdade, esse é um processo que já estava em andamento logo depois da guerra. A necessidade da própria expansão econômica americana fez com que a soja entrasse nesse conjunto de coisas. Na verdade, os Estados Unidos também, eu acho que sofreram um processo semelhante, só que pouco antes, eu acho que a gente poderia dizer, até pelo menos umas duas décadas atrás.

Esse processo de tentar vulgarizar este chamado complexo soja na Europa principalmente, permitiu que a demanda fosse crescente e possibilitando que, - num determinado momento em que também ela se fazia presente no Brasil -, permitisse esse crescimento, essa expansão muito rápida da soja que se verificou no Brasil.

É dentro dessa tentativa de explicação, mais do ponto de vista da estratégia da economia internacional que a gente compreende um pouco o que aconteceu na década de

70, com a expansão da soja. Em determinado momento se tentou explicar que na verdade esse crescimento repentino do interesse pela proteína e a expansão brasileira da soja fosse explicada por algum fenômeno até conjuntural. Na época - eu não sei se vocês estão recordados, - era comum a gente explicar o fenômeno do crescimento da soja pelo desvio de uma corrente existente no norte do Peru levando cardumes de peixes, de anchovas, ... Nós ouvimos muito esse tipo de explicação e até era muito corrente na época que era isto que estava possibilitando a entrada do Brasil no mercado de soja. E mesmo, por exemplo, outros fatores conjunturais, por exemplo, de que a própria produção americana da época, já bastante grande, mas não o suficiente, determinados por fatos conjunturais como a seca nos Estados Unidos num determinado período, resultassem na falta do produto no mercado internacional. Normalmente essas explicações é que eram dadas como normais para a explicação da expansão da soja no Paraná, estou falando do Paraná mas isto é aqui no Brasil. Então, dessa maneira toda vez que o Brasil quisesse crescer com um determinado produto, tínhamos que ficar esperando que acontecesse um desastre na África por exemplo..., ou nos Estados Unidos, no caso da laranja, que é até bastante típico, que haja uma geada na Califórnia, na Flórida, para que nós pudéssemos plantar laranja, etc. Na verdade, não era muito por aí as explicações que permitiam entender a expansão da soja no Paraná.

Bom, se isso ocorreu, quer dizer, se essas pré-condições eram importantes e necessárias, na verdade, existia todo um interesse no próprio modo de desenvolvimento do capital no Brasil. Eu acho que algumas pré-condições foram necessárias para que isso pudesse ocorrer. Essas pré-condições, eu não sei se são bem pré-condições, refletem exatamente na política agrícola que se desenvolveu a partir dessa chamada modernização da agricultura. Foi todo um mecanismo de intervenção do Estado que permitiu que a nossa agricultura tivesse condições de entrar num modelo tecnológico que revolucionou praticamente a agricultura brasileira. Eu estou dizendo revolucionou até num senti-

do bastante vago, pois, a partir de então, o capital se interessa realmente pelo processo de produção, quer dizer, for-

nece as condições objetivas de trabalho na agricultura.

Se antes por ex. a nossa agricultura dependia e se relacionava com o mercado, com o mundo capitalista através principalmente do setor de circulação, de comercialização etc, a partir de então, passa a ser também um objeto onde circula o capital em geral. Então, nesse momento é que passa a existir uma certa revolução no sentido de que o próprio processo de produção vai aos poucos, e até meio de repente fazendo parte do ciclo de valorização do capital. E aí, de certa maneira, se, antes as pessoas não precisavam de alguma coisa externa à propriedade, numa empresa produtiva, nesta segunda, já ocorre exatamente o inverso. Na verdade, todos os produtos, os meios de produção necessários ao processo do trabalho, vinham do setor industrial principalmente. A semente, que provém da chamada tecnologia biológica, passa a ser industrializada. Esse é o processo que de fato a gente pode até detalhar um pouco mais nos debates. Mas, esse é o processo que permitiu, com a ajuda do crédito rural subsidiado, que o produtor tivesse condições inclusive de obter os mesmos objetivos de produção nesse novo modelo de padrão tecnológico. E aí, com essa condição, eu acho que as transformações resultantes não são novidades para ninguém.

Eu acho que num primeiro momento, uma das coisas que se discutiu muito até nesta década toda foi o deslocamento dos produtos alimentares. Já várias pessoas trabalharam em cima disso. O 1º trabalho que apareceu foi feito abrangendo o Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina, falando dessa vinculação direta, da substituição das áreas de expansão de culturas com a soja, substituindo as culturas alimentares, principalmente o milho, o arroz, feijão e mandioca. Bom, é evidente que o outro efeito dessa chamada mudança tecnológica é também (e esse é um fator bastante discutido) a expulsão dos chamados trabalhadores; pela mudança tecnológica, o trator representou um dado essencial no advento dessa nova agricultura. E o outro momento é o da concentração da terra, que só para se ter uma idéia, só no período de 5 anos em que foi a fase mais importante da expansão da soja aqui no Brasil, a nível do Paraná, os estabelecimentos de menos de 50 hectares chegaram a perder em termos de espaço, de trabalho de terra, 660 mil hectares. Os

de mais de 50 hectares chegaram a ganhar 1.660 mil hectares e então, com toda a nova expansão, os estabelecimentos de mais de 50 hectares aumentaram. Sendo delas, que houve uma incorporação de um milhão de hectares de novas áreas. Então, eu acho assim que esses dois efeitos: um, da expulsão dos trabalhadores, ou seja, a diminuição do emprego rural e da concentração da terra, eu acho que esse 1º elemento foi até bastante funcional do ponto de vista do próprio modelo, porque isso ocorreu numa fase em que a indústria estava se expandindo e realmente havia uma necessidade de um forte contingente, pelo menos a que a indústria tivesse um contingente de trabalhadores; ou, a massa que se chama de "exército de reserva industrial" ocorresse na época; e então, com a diminuição da produção alimentar e a expulsão dos trabalhadores, a única ou pelo menos uma das contradições que começa a existir é o fato de que na verdade, o próprio setor industrial começa a se interessar que esses alimentos cheguem mais barato, na cidade, inclusive para poder pagar salários mais baixos na cidade, permitindo dessa maneira, um arrocho salarial.

Então essa é uma das idéias que a gente poderia até discutir mais tarde. Acho que as discussões que eu gostaria pelo menos de trazer aqui é de que esse foi um período que na verdade ficou bem marcado na economia paranaense. E nós estávamos exatamente num período de expansão da própria economia, na fase do milagre econômico. Agora, já no final da década de 70, no começo da década de 80 nós vivemos um período até de retração do capital, veja que começou a haver inclusive retração desta expansão e com reflexo inclusive na própria agricultura. Isto é, começou a haver na verdade a retirada de subsídios na própria agricultura; então aquele mesmo ritmo de expansão que se verificava, já não se verificou mais a partir da década de 80, principalmente. Já do próprio amadurecimento da economia à base de empréstimos externos e subvenção à própria agricultura, ela já não pode se suportar mais. E eu acho que nós hoje vivemos uma fase exatamente de crise desse modelo todo. Com a necessidade talvez de discutir o que isso representa para o Paraná, com essa situação que verificamos a partir da década de 70, com essas modificações todas na própria configuração até do Paraná, como é que ele vai se comportar daqui

para frente...Eu acho que essa é uma discussão que talvez a gente pudesse fazer ainda hoje aqui, e enfim, eu gostaria de terminar por aqui em termos de exposição, que não tive grandes condições de preparar. Mas eu gostaria até de permitir uma discussão a partir disso.

D E B A T E

PERGUNTA: Você trabalhou com o café e com a soja também, vamos dizer assim, depois do "boom" do café e do "boom" da soja também. Quais as perspectivas paranaenses em termos de economia agrícola, a tendência é de estabilização ou a tendência é de uma modificação brusca? Claro que isso está relacionado com a economia internacional e com o avanço do capitalismo. Mas assim, de uma maneira imediata aqui na região ou no Paraná como um todo, você teria alguma colocação? E a segunda, que talvez se relacione indiretamente, que é uma questão onde há algumas posturas. Uma a favor e outra contra. Então eu queria saber o que é o que o IAPAR pensa, e talvez você particularmente, com relação a essa campanha de renovação do café. É viável? Você sabe que isso tudo envolve uma infraestrutura na propriedade que hoje, a juros muito altos e sem subsídios como foi, é muito difícil. Então qual é a sua postura? (Yoshiya)

RESPOSTA: Bom a 1ª pergunta é com relação à tendência quanto às perspectivas na economia paranaense. Essa é uma pergunta bastante difícil, de tentar saber o que vai acontecer daqui para frente; porque eu acho que isso acompanha até todo o nosso raciocínio de como nós vamos sair da crise atual, e, colocando até outros elementos que não só propriamente da agricultura, mas da própria situação econômica, da dívida interna, da pouca possibilidade de por exemplo, do tesouro público subsidiar a agricultura, para possibilitar inclusive a expansão até do produto agrícola... Mas eu acho que o que a gente pode afiançar é que, com a falência do chamado modelo tecnológico na agricultura, ou

mesmo, de prosseguir com a expansão desse modelo atual, o que se verifica hoje, com a discussão que está havendo na soja, pelo menos com a crise do preço internacional, é o seguinte: Boa parte dessa produção que foi possível até hoje subsistir, não só aqueles pequenos que foram expropriados no momento do processo de expansão mesmo do capital, mas os parceiros, arrendatários do café por exemplo, que saíram, aqueles que tinham muito pouca terra e não conseguiram viabilizar a capitalização de um trator, mas que permaneceram, hoje estão na dificuldade de persistir sem um apoio governamental através dos subsídios que até hoje existiam. Quer dizer, com os juros ao nível que está hoje, e hoje sem que o próprio governo possa ter inclusive um montante de capital suficiente para poder financiar, eu tenho a impressão que aí é um pouco uma tendência ou de retração ou de estagnação do setor principalmente mais capitalista da produção. Mas agora o que se verifica, - e eu acho que está um pouco de acordo com a nossa visão de modificação da política - , em vez de estimular por exemplo produtos tipo soja e trigo, - se bem que o trigo ainda entra como produto alimentar importante - , é tentar fortalecer vias tipo: reforma agrária ou de redistribuição de terras, calcado principalmente na produção alimentar, que, em princípio cobriria uma contradição muito séria que surgiu depois desse fenômeno da soja, que é a da diminuição da quantidade de alimentos disponíveis para a população. Aí entra também na discussão toda a política salarial, mas que na verdade, acho que toda a política agrícola agora deveria ser no sentido de fortalecer pelo menos essa produção alimentar, e, com isso, com mecanismos até de subsídios à alimentação, com cestas de alimentos, merenda escolar, poder inclusive incentivar a própria demanda do setor. Acho que essa é a perspectiva possível, inclusive de sair um pouco da crise. (Shigeo)

PERGUNTA: É o seguinte, é que há várias posturas, pelo menos principalmente duas, com relação a essa volta do café. Então, a gente queria saber se o IAPAR tem alguma posição e se você particularmente tem alguma posição, pois recentemente você publicou alguma coisa relacionada a isso. (Yoshiya)

RESPOSTA: Pois é, com relação ao café, mais especificamen-

te com relação à campanha do café, na verdade a gente tinha uma expectativa de que com o incentivo ao café, deveria ser um elemento de diversificação ou de algumas opções, principalmente para a pequena propriedade, de se tentar viabilizar enquanto família. Essa idéia que surgiu logo após a chamada crise do modelo, de que se poderia, por exemplo, tentar fazer com que a própria evasão do setor rural diminuísse, poderia trazer alguma opção inclusive mesmo para uma agricultura já desenvolvida, não no campo, em termos de geração de empregos nas atividades do setor rural. E o café, todo mundo sabe, do ponto de vista de geração de emprego, é uma das atividades que mais emprega ainda hoje, mesmo com a tecnologia moderna do café, mesmo assim, se a gente for comparar com outras atividades, ele é muito maior do que por exemplo, a soja/trigo.

A Campanha poderia incentivar as pessoas a permanecerem na atividade cafeeira, ou até que voltasse novamente a plantar café, que não constituísse uma única atividade, na sua atividade de agricultura.

E, na verdade, a própria campanha, a partir de uma determinada época, quando os preços começaram a reagir no começo deste ano, nem precisou fazer muita campanha, o pessoal começou a plantar. Então, aqui no Paraná, foi de fato uma questão de política de decisão, de que o Paraná tivesse opções econômicas como a soja e mesmo as outras atividades, assim, o café por exemplo, poderia ser levado para outras regiões: Minas Gerais, Espírito Santo, Bahia, Ceará, Nordeste inteiro e o Paraná passava a ser o grande produtor de cereais que todo mundo esperava que fosse. Então, essa é a razão que o pessoal não estimulava, deixou de financiar inclusive o café no Paraná etc. Mas hoje, acho que não é esta a situação; nós estamos com 500 mil hectares de café plantados. O nível de produção até se pode manter nesse nível tranquilamente. Hoje, até mesmo já está existindo uma certa especialização das áreas, digamos, nas regiões onde a geada atinge com maior frequência, essas regiões não têm mais café plantado e hoje tem outras opções. PERGUNTA: Um dos pontos que o Shigeo colocou era a necessidade de produtos alimentares nas cidades e um outro, sobre uma análise que eu estava fazendo. Teve um momento de ex-

pansão da indústria, um momento do milagre brasileiro, em que havia uma certa ligação com o que estava ocorrendo na agricultura paranaense. A implantação de um modelo basicamente onde seriam usados recursos industriais, abrindo o mercado da agricultura brasileira e traçasse uma espécie de pacote para a agricultura, em que onde tudo teria de ser comprado em uma indústria essencialmente voltada para a agricultura.

Então, você tem um momento de expansão de trabalhadores, existe todo um crescimento industrial, nos vários ramos da indústria brasileira, e ao mesmo tempo, Shigeo, você estava tendo toda uma política de arrocho salarial. Aqui no Paraná, tem-se o hábito de se dizer que a geada causou a saída do café e a entrada da soja. Como se uma política voltada para a agricultura não estivesse agindo. Tem-se muito essa explicação ligada ao senso comum de que foi a geada. Mas acho que a geada pode ter precipitado uma coisa que já estava em curso, e a questão que eu coloco é a seguinte: Na cesta do trabalhador você precisa ter alimentos baratos. O poder de compra do salário deles vai estar vinculado a uma produção de produtos alimentares, só que esses produtos alimentares são produzidos em pequenas propriedades. No Paraná você está vendo que está havendo ao mesmo tempo uma liberação dessa mão-de-obra. Vamos dizer assim, em direção ao setor urbano. Está havendo uma substituição dessa pequena lavoura, por uma monocultura da soja, ao mesmo tempo, na cidade, está havendo um arrocho salarial. Então hoje, discutindo uma política agrícola, fala-se muito na questão da reforma agrária. E só relembrando, toda uma discussão mais anterior sobre a reforma agrária; antes se dizia que o movimento capitalista no Brasil, só se daria se houvesse uma reforma agrária, a reforma não houve e acabou havendo um crescimento. É dentro deste contexto que eu queria colocar a questão da reforma agrária, como um processo de várias tentativas, e hoje eu vejo muito próxima a questão da reforma agrária com a política agrícola, a união dessas duas, no poder de compra. Até que ponto é possível uma reforma agrária hoje ligada a uma política agrícola, protegendo a nova propriedade, o novo proprietário de terra, aquele que vai receber terra, titulação legal de terra de acordo com a reforma agrária?

Essa questão como é que fica se você medir com a questão salarial, questão do poder de compra do salário? E no caso do Paraná, o problema do preço mínimo em relação a alguns produtos, inclusive a soja, havendo a retirada do subsídio para produtos de exportação...Será que havia uma tendência para a volta de uma agricultura muito mais respondendo a um estímulo de mercado, do que propriamente a uma política agrícola integrada para a pequena propriedade? (Márcia)

RESPOSTA: Olha Márcia, tem. Você falou tanta coisa que na verdade seria toda uma política atual. O que eu acredito é o seguinte (e talvez complementa a pergunta anterior da Yoshiya): Na verdade, eu acho que esta é uma análise sobre a necessidade de alimentos baratos, de alimentos aliás, que hoje é um grande problema que está se pretendendo atacar. Por exemplo, primeiro, a reativação econômica pela necessidade de geração de emprego; eu acho que não teria grandes saídas, por exemplo, a não ser, na reativação das atividades agrícolas em pequena escala, ou em grande escala, ou em sistema coletivo, etc., porque hoje, o setor industrial não tem mais condições de fazer esses grandes investimentos que se fez até hoje e nem sei se era possível. E, essa massa enorme de trabalhadores da população que está em estado de miséria, consumindo alimentos necessários, é uma demanda do ponto de vista econômico; transformar isso numa demanda, além de atender os objetivos há necessidade de uma política para atender essa alimentação necessária. O que a Márcia está dizendo está correto: toda a produção alimentar no Brasil, vem dos pequenos produtores principalmente. É só ver as estatísticas que temos; alguns produtos como o feijão vem - até 95 % da produção - , da propriedade até pequena. Hoje, existe uma tendência mesmo, na produção de feijão, de que ela venha a ser produzida em grande escala, principalmente agora com o desenvolvimento de variedades que possam ser polidas mecanicamente. Isso já existe, o Rio Negro, que o IAPAR está lançando, permite por exemplo, uma mecanização; então, qualquer produtor de soja que está hoje com dificuldades de produzir soja, pode amanhã produzir feijão da mesma forma que se produz soja, então, isso é uma tendência que vai passar a existir, acho que é uma tendência até natural do próprio estilo de desenvolvimento. Mas

por enquanto, quem responde mesmo por essa produção, realmente são os pequenos produtores. Acho que nesse contexto entra o problema da reforma agrária, que essa população que hoje está sem terra, tenha condições objetivas de acesso à terra, e de trabalho. Na verdade, eu colocaria um pouco assim.

PERGUNTA: Uma outra questão. Você poderia concretizar um pouco mais sobre o mercado internacional de produtos agrícolas, ou por exemplo, de grãos? Não é competitivo? (Márcia)

RESPOSTA: Isso, veja bem, do produto nosso não ser competitivo, no caso da soja, não é verdade isso. Durante esse período, toda a própria Comissão de Financiamento da Produção, do Ministério da Agricultura sempre fez, digamos, estimativas de custos comparativos aos dos EUA, Brasil, etc.

Agora, não sei se é um pouco por aí, a discussão em termos de competitividade, de vantagens comparativas entre países e outros. Aí entra um pouco a questão do frete, de uma porção de outras coisas; por exemplo, um estudo que saiu em 73, 74, dizia o seguinte: na porta da fazenda o nosso produto agrícola saía pela metade do preço do americano. Há necessidade da modernização do sistema portuário, da necessidade de se ter as vias de acesso, digamos pavimentação asfáltica para as regiões todas aqui, que é um pouco a idéia dos corredores de exportação. E eram para alguns produtos específicos que serviam; para isso, a soja era o principal produto.

Nesse momento, discutia-se a defasagem enorme que tinha por exemplo, no caso da soja, as vantagens que tinha o produto brasileiro em relação ao americano. Agora eu não sei se isso chega a influir muito no problema da competitividade do produto brasileiro lá fora. Veja bem, poucos controlam o mercado internacional, pelo menos na área de cereais, desde o trigo, a soja, milho, o café também, o algodão. Acho que deve ter cinco ou seis que na verdade controlam esse mercado mundial de cereais. Então, quem controla a soja brasileira na Europa? São as mesmas firmas, na verdade é uma transferência de produtos. A questão do preço, pode tanto superestimar aqui, aí é um mecanismo muito mais de retenção ou não, dependendo da política fiscal, do problema da remessa de lucros. Este é um setor que

eu até gostaria de entender um pouco mais. Por aí que passa a questão da exportação que é muito monopolizada no mercado internacional, existe um certo funil. Por outro lado, na Europa, na Holanda por exemplo tem a Unilever, ela praticamente domina o mercado holandês, mas é praticamente a única firma que faz essa transação com soja. Veja bem, até 70 ela só trabalhava com amendoim vindo do Senegal, dos países da África, e depois abandonou totalmente, e hoje está atrelada, à soja, principalmente americana; o Brasil até nem exporta tanto para lá.

Agora veja bem, essa mudança do preço, que permitiu desbancar por exemplo outro produto e até desencorajar os europeus a não produzir proteínas, de fato foi isso que ocorreu; mas também, houve desestímulo da produção de girassol na Europa, enfim, de outros produtos que estavam servindo para a alimentação animal. Foram desbancados pela soja por um preço que ninguém conseguia competir. A soja, além da quantidade ser bastante interessante, é um produto que está acabado, quer dizer, de uma uniformidade muito grande, enfim, acho que tinha todas as condições de desbancar e um preço muito melhor. Veja bem, até 1972, quando começou a se expandir realmente e a se firmar, toda a produção animal na Europa se adaptou a esse modelo, que estava tentando chamar de modelo americano de produção de milho e soja, totalmente automatizada, com a utilização de poucos trabalhadores. E aquele sistema tradicional, deixa de ser agricultura, pode ser uma indústria de produção animal.

Veja bem, até 1972 o preço internacional da soja sempre girou em torno de 2 dólares por bushel, 2 dólares e meio a 3, nunca ultrapassava de três, depois da guerra eram esses os preços, até há uma tabela que dizia isso. E, de repente, passou para um patamar de 7 dólares, chegando a 9 em um determinado momento, em 1974. Se não me engano foi até o auge; todo mundo ganhou dinheiro, até dentista, médico, agrônomo, etc. deixavam a atividade urbana, para comprar terra e plantar soja. Mas veja bem, foi com artificialismo que se conseguia isso, veja por exemplo, na Europa, os pesquisadores das ciências sociais, já começaram a entender a jogada que os americanos fizeram para aumentar esse preço. Na verdade, o que houve foi a simulação da falta do produto no mercado americano, dizendo que os EUA não po-

deriam exportar mais a soja, que iria faltar no mercado interno, etc. Então, embargou-se a exportação por dois meses, e houve uma elevação de preços, que não é bem artificial, mas você artificializa a escassez. E hoje, todo mundo já acostumou com esse patamar de 7 a 8 dólares por bushel, enfim, uma porção de coisas para o pessoal continuar produzindo. Mas na verdade, são esses os mecanismos que a gente precisaria entender bem, quando a gente fala de competitividade no mercado internacional.

PERGUNTA: Gostaria que transcorresse um pouco mais sobre a questão social, ou seja, mais especificadamente sobre as transformações causadas pela soja para a população paranaense. (Yoshiya)

RESPOSTA: Bom, com relação às consequências sociais da modernização vinculadas com a soja, eu acho que no primeiro momento elas não foram tão grande. Agora, os problemas todos que começaram quando passa a haver escassez de emprego na área urbana. Mesmo o setor terciário, onde normalmente esse pessoal se emprega, e o setor da indústria da construção civil absorviam a população rural pouco qualificada. Não podemos dizer que essas pessoas que estavam na atividade agrícola viviam às mil maravilhas, que tinham toda a alimentação necessária, todas as condições necessárias de vida, etc. Na verdade, as condições de exploração no campo também eram e são terríveis, principalmente para quem não tem terra, e até acho que o Munguia deve ter exposto as condições em que o pessoal trabalhava por exemplo em Rio Azul; são realmente penosas do ponto de vista das condições de vida. Então, se isso é verdadeiro, é claro que as condições na cidade acabam não melhorando. Por exemplo, os favelados de Londrina, hoje, não querem voltar mais às atividades agrícolas. Isso significa que a favela, por mais ruim que seja, ainda é melhor em relação à situação vivida anteriormente. Agora, isso em uma fase em que o emprego era relativamente fácil de se conseguir. Hoje, acho que já está preferindo ter terra, com a possibilidade até de uma reforma agrária, de voltar de novo ao campo.

Com relação à agricultura alternativa, novos estudos ou a idéia de propor alternativa a esse modelo, começou a se configurar a partir do momento que os movimentos, por exemplo, de ecologia, levantaram a questão do con-

trole ambiental, da contaminação, dos pesticidas, da alimentação, enfim, nos efeitos diretos dos produtos que contaminam... são elementos cancerígenos, e isso já foi comprovado. Então, todas essas coisas que se levantam hoje, em termos da própria tecnologia, denunciadas pela sociedade urbana, começam a conscientizar melhor a população. Por outro lado, hoje, já é uma questão até econômica também, aderir ao movimento ecológico.

Havia, no início da década de 70, 40 ou 50% de redução do custo no preço subsidiado pelo governo. Então, com a existência disso, e também pelo fato de que a própria indústria produtora de insumos começou a subir os preços muito acima dos preços agrícolas, começou a haver uma defasagem muito grande a ponto do próprio agricultor não suportar mais. Então é por aí que começou a um pouco a se avolumar e tomar importância, a chamada agricultura alternativa. Um outro lado da agricultura alternativa prevê um trabalho mais efetivo, por exemplo.

PERGUNTA: Você falou aí de uma falência do modelo tecnológico avançado na agricultura, na sua exposição e agora, várias vezes aparece a palavra alternativa. Quais são as alternativas, e para uma produção alimentar ou uma agricultura alternativa? Você colocou que esse modelo tecnológico avançado, está ligado fundamentalmente ao próprio modelo de acumulação. No Brasil está fundamentalmente baseado e vinculado à indústria e ao setor financeiro; esse é o móvel ou seja, quando se acumula capital no Brasil, fundamentalmente é quem dá a direção no processo produtivo em geral? Pensar a agricultura nesse modelo, significa pensar em sementes selecionadas, adubos, defensivos, tratores, implementos agrícolas, enfim, essa articulação que podem chamar de uma industrialização da agricultura, ou então, como a Márcia disse, a agricultura como ramo da indústria, parece que isso já está claro no Brasil. No momento em que falamos em agricultura alternativa, não vamos usar adubos, não vamos usar insumos... me parece que isso é tão marginal... como criar um partido verde no Brasil, ou seja, como discutir a questão ecológica no Brasil.

O móvel da acumulação é dado não a partir da agricultura, mas fora dela, pelos grupos poderosos. Tem saída a agricultura alternativa? (Tomazi)

RESPOSTA: É uma questão que não dá para responder. Quando eu estava falando da falência do modelo é porque estava falido mesmo. Veja estes insumos que utilizamos na agricultura, vêm de fora, e isso tende a agravar, se você persistir nessa posição. Agravar inclusive a necessidade de mais importação, agrava o problema da dívida interna, etc. Então é um pouco por aí, e veja bem uma das coisas que nós estamos discutindo a respeito: no começo de 70, quando esse processo não estava tão avançado no Brasil, você tinha em relação, digamos na agricultura, para cada dólar importado, você exportava oito, você tinha uma relação favorável, e hoje essa relação cai para menos, de 2 para 1. Mas na verdade, junto a essa relação negativa, está o impasse, que é todo um problema da solução nacional e econômica, não é um caso particular da agricultura. Eu estou colocando isso também porque dá a entender que a agricultura tem condições de se salvar e aí independentemente do resto da economia. Não é propriamente isso. Com relação à agricultura alternativa, é que hoje não é propriamente uma saída, no sentido de deixar efetivamente de usar os insumos. Na Europa por exemplo, esses movimentos, apoiados ou não por partidos verdes ou movimentos ecológicos em geral, são fortes e crescentes, também no meio científico. Não falo isso sobre o IAPAR, mas principalmente em âmbito internacional, esse tipo de discussão, está surgindo até nos EUA. Com a tendência crescente, não sei bem o que vai ter significado do ponto de vista econômico; é um processo de maturação lenta, vamos dizer assim, como é todo o processo de pesquisa de desenvolvimento da tecnologia. Os cientistas ligados à geração tecnológica, se fundamentaram no petróleo, em termos hoje de padrão tecnológico para a agricultura. Então, é isso que se está tentando, vai refletir no Brasil por exemplo, talvez daqui 20, 30 anos, mas é o caminho que se está tentando. Fazer crescer só vai dar certo quando você tiver uma relação muito boa, não só do ponto de vista de soluções tecnológicas, porque mesmo para a gasolina já tem soluções tecnológicas muito melhores que a do álcool, todo mundo sabe disso, no entanto não se implementa porque as grandes corporações que estão hoje no setor automobilístico não permitem isso. Na medida em que esgotar esse petróleo, as soluções vão aparecendo. Acho que no caso da agricultura também está nesse pé.

PERGUNTA: Vou me permitir mais uma colocação, relacionada à primeira questão que eu fiz, a volta do café. Hoje o salário mínimo pago ao trabalhador rural é maior que na área urbana. Com a volta do café e com a necessidade da mão-de-obra rural, e não sendo o café mecanizado, como você concebe esta questão? O setor sócio-econômico do IAPAR por exemplo, está fazendo algum estudo? (Yoshiya)

RESPOSTA: Primeiro, eu precisaria verificar um pouco esses salários maiores na agricultura do que na cidade. Verificar um pouco isso porque, em São Paulo por exemplo, existe um estudo que dava um salário nominal maior, em determinado período. Toda essa questão que se fala da legislação trabalhista, e da expulsão do trabalhador da terra, do local onde habita, etc, teve um sentido um pouco sentimental. No caso, a razão principal é que na agricultura existem fases de período produtivo e em que você não tem o que fazer. Se você tem vários empregados permanentes significa que o salário deles ficaria sendo pago, sem ter muito o que fazer, principalmente na monocultura da soja, por exemplo. Há uma massa de salário total maior do que na cidade. Isso é uma primeira ressalva, e até do ponto de vista de que isso é diferente na indústria, onde o chamado tempo de produção e tempo de trabalho, são praticamente iguais, todo trabalho significa uma produção. O que não é bem assim na agricultura; na agricultura, existem os chamados grandes pólos, onde as pessoas não têm o que fazer, e para corrigir esses pólos, o pessoal expulsou o trabalhador da terra, e não exatamente porque tem uma legislação. O IAPAR por exemplo, estava tentando desenvolver essa parte da utilização da máquina para a agricultura, testando algumas máquinas colheitadeiras, de Pompéia. Mas, com o novo governo, até essas idéias todas estão sendo abandonadas, exatamente para que os trabalhadores continuem colhendo café à mão e não colhendo à máquina. No caso do algodão, já existe a máquina para colher, mas é que ela funciona tão mal. O Matsubara comprou várias unidades de colheitadeiras de algodão, e estão encostadas. Segundo eu soube, o Matsubara mantém aquelas máquinas, inclusive para poder pressionar os trabalhadores com preço baixo. Se os trabalhadores pressionarem muito para aumentar o preço, ele coloca essas máquinas para funcionar, e eles ficam sem trabalho.

Então esse é um pouco da política pelo menos do IAPAR de não desenvolver máquinas do tipo racionalizadora da mão-de-obra, pelo menos no momento, em relação às colheitadeiras.